

## **DINHEIRO E INFLAÇÃO NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO: ENSAIO DE INTERPRETAÇÃO MARXIANA**

Diego Mendes Lyra (UFCG)

Nelson Rosas Ribeiro (UFPB)

**Resumo:** O debate sobre o dinheiro tem resultado em importantes desdobramentos conceituais, no campo da teoria econômica marxiana, gerando controvérsias e diferentes interpretações acerca desta categoria econômica, que continua em processo de desenvolvimento, apresentando-se sob novas roupagens, no capitalismo contemporâneo, com as quais estão relacionadas funções distintas. Observa-se uma crescente tendência de desmaterialização do dinheiro, sobretudo com o avanço dos meios eletrônicos de pagamento, cada vez mais utilizados nas transações econômicas, ao mesmo tempo em que a inflação permanece como um problema crônico das economias. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar, a partir da teoria do valor-trabalho, a evolução recente das formas de dinheiro, identificando as suas respectivas funções e a relação desse processo com os fenômenos inflacionários, tema este ainda pouco explorado pelos autores desta linha de pensamento.

**Palavras-chave:** dinheiro, valor, preço, inflação.

**Abstract:** The debate on the money has resulted in important conceptual unfoldings, the field of the marxiana economic theory, generating controversies and different interpretations concerning this economic category, that continues in development process, presenting itself under new roupagens, in the capitalism contemporary, with which distinct functions are related. An increasing trend of dematerialization of the money is observed, over all with the advance of the half electronic of payment, each time more used in the economic transactions, at the same time where the inflation remains as a chronic problem of the economies. In this direction, the objective of this article is to analyze, from the theory of the value-work, the recent evolution of the money forms, identifying its respective functions and the relation of this process with the inflationary phenomena, subject this still little explored by the authors of this line of thought.

**Keywords:** money, value, price, inflation.

## **Introdução**

O dinheiro e as funções por ele desempenhadas no capitalismo moderno têm se tornado uma das questões mais controversas, no campo da teoria econômica de Marx e dos seus diversos interpretes. No Brasil, as diferentes explicações acerca das novas configurações que o dinheiro vem assumindo, no capitalismo, levaram a um instigante debate, sobretudo durante a década de 1990 e início da década de 2000, que se consubstanciou em vários artigos, alguns deles apresentados nos congressos da Sociedade Brasileira de Economia Política.

As discussões giraram, principalmente, em torno do caráter de mercadoria do dinheiro, da sua progressiva desmaterialização e de suas funções no capitalismo moderno, com especial destaque para o dinheiro de crédito. Autores como Klagsbrunn (1992), Germer (1997, 2001), Corazza (1998), Carcanholo (1999), etc., levantaram hipóteses relevantes sobre a natureza do dinheiro. Contudo, as possibilidades de interpretação a respeito das funções do dinheiro são amplas, estando longe de terem sido esgotadas, sobretudo se levarmos em consideração o ritmo extremamente dinâmico das transformações que ocorrem no sistema monetário internacional, na atual etapa do capitalismo.

Assiste-se, na contemporaneidade, a uma propagação acelerada dos meios de pagamento eletrônicos, impulsionados pelas novas tecnologias da informação e comunicação e é com uma velocidade cada vez maior que novas formas de dinheiro têm surgido e se espalhado pela esfera da circulação, levando muitas pessoas a mudanças de hábitos com relação ao uso do dinheiro. Esse cenário em transformação cria, para os pesquisadores, novos desafios de interpretação da realidade, exigindo maiores desenvolvimentos teóricos.

Deste modo, o presente artigo tem como objetivo dar continuidade ao estimulante debate sobre o dinheiro, analisando desde a sua forma materialmente clássica, o ouro, até os seus novos formatos, como o dinheiro virtual, identificando as funções desempenhadas por cada uma delas e suas relações com a inflação, tema ainda pouco explorado teoricamente, dentro desse debate, mas com uma forte ligação com as novas faces do dinheiro no capitalismo contemporâneo.

A exposição está estruturada em quatro seções: a primeira seção trata da evolução e desenvolvimento do dinheiro, do ponto de vista lógico, a partir das formas do valor; na segunda seção, são discutidas as funções do dinheiro no capitalismo contemporâneo e sua progressiva desmaterialização; a terceira seção, apresenta um ensaio de interpretação da inflação a partir da teoria econômica de Marx e, por fim, na quarta seção, são apresentadas as considerações finais.

### **1. As Equações do Valor: Evolução e Desenvolvimento das Formas de Dinheiro**

Marx, no livro primeiro de “O Capital”, depois de definir os conceitos de Valor de Uso, Valor de Troca e Valor, (pontos 1 e 2 do capítulo 1), para dar continuidade ao estudo do Valor, desloca a sua atenção para a evolução das formas do valor ou seja os Valores de Troca (ponto 3). Para realizar este estudo ele utiliza, embora sem explicitar, um algoritmo que será chamado aqui de Equações do Valor, seguindo as formulações apresentadas por Ribeiro (2008).

As Equações do Valor constituem uma representação simbólica de uma relação de troca entre dois ou mais produtores de mercadorias. Elas serão utilizadas aqui para explicar a evolução e o desenvolvimento das formas do valor até o surgimento do dinheiro.

Algumas considerações iniciais são necessárias. Conforme Ribeiro (2008), assim como uma equação algébrica, cada equação do valor é formada por dois membros, entre os quais há uma igualdade. O primeiro membro da equação é chamado Forma

Relativa do Valor (FRV), desempenhando um papel ativo na relação de troca, pois busca exprimir o seu valor em uma outra mercadoria, qualitativamente diferente. O segundo membro da equação é chamado Forma Equivalente do Valor (FEV), desempenhando um papel passivo na relação de troca, pois serve para expressar o valor da mercadoria, ou das mercadorias, que se encontram na Forma Relativa do Valor.

É importante ressaltar ainda que as equações do valor podem ser compreendidas tanto de um ponto de vista puramente lógico, ou seja, enquanto representação abstrata da realidade, como de um ponto de vista histórico, uma vez que cada uma delas corresponde a uma determinada etapa do desenvolvimento das relações de troca. Assim, a explicação sobre a evolução das trocas até o momento em que surge o dinheiro, começa pela Equação Simples do Valor<sup>1</sup>, apresentada a seguir, usando a simbologia proposta por Ribeiro(2008).

$$\boxed{\overbrace{aM_1}^{\text{FRV}} = \overbrace{bM_2}^{\text{FEV}}}$$

Historicamente essa equação representa um estágio inicial e, portanto, embrionário do desenvolvimento das trocas, no qual elas ocorriam de maneira fortuita ou ocasional, dado que o excedente econômico ainda não era uma regularidade. Trata-se, portanto, de momento teórico no qual ainda não existe nem dinheiro e muito menos capital. Mas, apesar de simplificada esta equação permite analisar a contradição entre valor e valor de uso<sup>2</sup>, que conforma a mercadoria e se expressa nas relações de troca. Nela pode-se perceber que o valor contido na mercadoria ‘M<sub>1</sub>’ não se pode expressar em seu próprio valor de uso, necessitando, por isso, encontrar a mercadoria ‘M<sub>2</sub>’, cuja forma material servirá de corpo para a materialização do seu valor.

Com o aprofundamento progressivo da divisão social do trabalho e a consequente elevação da produtividade, o excedente econômico, pouco a pouco, vai deixando de ser algo fortuito ou acidental para se transformar numa regularidade, com o que se inicia o desenvolvimento de uma sociedade mercantil simples, isto é, de produtores simples de mercadorias. Deste modo, um número crescente de mercadorias vai sendo lançado no mercado, fato que promove um salto qualitativo nas trocas, levando-as a uma etapa mais desenvolvida, representada pela Equação Extensiva do Valor, exibida abaixo.

$$\boxed{\overbrace{aM_1}^{\text{FRV}} = \left\{ \begin{array}{l} \overbrace{bM_2}^{\text{FEV}} \\ cM_3 \\ dM_4 \\ \vdots \\ qM_n \end{array} \right.}$$

Nesta equação do valor, o produtor da mercadoria ‘M<sub>1</sub>’ se depara com ‘n’ outros produtores de mercadorias, com os quais pode vir a se relacionar, o que significa dizer que agora sua mercadoria possui ‘n-1’ mercadorias equivalentes. Dessa maneira, a contradição entre valor e valor de uso se amplia, pois o valor contido em cada mercadoria pode se expressar não apenas em um, mas em ‘n’ valores de uso diferentes, tal como o valor contido

<sup>1</sup> Como se pode perceber está sendo utilizada na Equação Simples do Valor uma notação, na qual M<sub>1</sub> e M<sub>2</sub> representam mercadorias com valores de uso distintos e as letras ‘a’ e ‘b’ correspondem às respectivas quantidades físicas de cada mercadoria, esta mesma notação continuará sendo empregada para designar as demais equações do valor que irão se seguir.

<sup>2</sup> A mercadoria é a unidade formada pelo par de contrários, valor e valor de uso, e enquanto união de elementos opostos ela está em constante processo de desenvolvimento.

na mercadoria 'M<sub>1</sub>', que pode se concretizar em 'n' outros valores de uso, menos em si próprio.

É importante observar que apesar da evolução, as trocas continuam se dando de maneira direta, o chamado escambo. Com o desenvolvimento das forças produtivas materiais, esse número 'n' de mercadorias tende a crescer cada vez mais, fazendo surgir alguns inconvenientes para as permutas de mercadorias entre os produtores. Com uma quantidade crescente de produtos no mercado, se torna cada vez mais difícil, para cada produtor, encontrar um outro que esteja vendendo (disposto a trocar) a mercadoria que ele necessita e que, ao mesmo tempo, necessite da mercadoria que ele esteja vendendo (disposto a trocar). Além disso, é preciso que elas sejam mercadorias equivalentes (de igual valor). Ou seja, em um mercado no qual o universo de mercadorias é cada vez maior, a probabilidade de ocorrer essa dupla coincidência é cada vez menor, fato que dificulta as trocas obrigando os produtores a perderem mais tempo na esfera da circulação.

Assim, o desenvolvimento econômico, mais uma vez, exige mudanças qualitativas nas trocas, que irão ocorrer paulatinamente, na medida em que a prática social, estabelecida entre os produtores, começa a eleger determinadas mercadorias para desempenharem o papel de equivalente do valor das demais, passando estas a atuarem como intermediárias das trocas. Esta etapa pode ser representada pela Equação Geral do Valor, mostrada abaixo.

$$\left. \begin{array}{l} \overbrace{bM_2} \\ cM_3 \\ dM_4 \\ \vdots \\ qM_n \end{array} \right\} = \overbrace{aM_1}^{\text{FRV}} \quad \text{FEV}$$

Ao se observar a equação acima, se verifica que as 'n' mercadorias existentes no mercado buscam expressar o seu valor no valor de uso de uma única mercadoria, erigida à posição de equivalente geral. Novamente a contradição entre valor e valor de uso se amplifica, pois agora o valor de cada mercadoria além de não se poder expressar em seu próprio valor de uso, não se pode expressar em nenhum outro, a não ser no valor de uso daquela que desempenha a função de equivalente geral e, por isso, atua como dinheiro, conforme observa Marx:

Então, mercadoria determinada, com cuja forma natural se identifica socialmente a forma equivalente, torna-se mercadoria-dinheiro, funciona como dinheiro. Desempenhar o papel de equivalente universal torna-se sua função social específica, seu monopólio social, no mundo das mercadorias. (MARX, 1989, p. 78).

Segundo Samuelson e Nordhaus, “ao longo da história um grande número de produtos tem servido, numa ou noutra época, como meio de troca: gado, tabaco, azeite, cerveja ou vinhos, cobre, diamantes, ouro, prata, anéis e cigarros”. (Samuelson e Nordhaus, 1994, p. 35). No entanto, alguns desses produtos apresentavam dificuldades quanto a sua utilização, manuseio e transporte. Era o caso, por exemplo, do gado, um produto perecível que poderia não suportar o transporte entre mercados distantes.

Mas como é amplamente conhecido na história do dinheiro, dentre todas as mercadorias que vieram a ocupar essa posição, o ouro ganhou papel de destaque pelas suas propriedades físicas e químicas, como a nobreza (ele não reage com a água, o ar, ou com a maioria das substâncias, mantendo suas características ao longo do tempo), a divisibilidade e maleabilidade (pode ser fracionado em diversas formas, desde barras até grãos). Além disso, o

ouro possui, dentro do universo das mercadorias, um elevado valor, em decorrência do elevado tempo de trabalho socialmente necessário para a sua produção.

Deste modo, a partir de determinado momento do desenvolvimento das trocas, o ouro passa a monopolizar a função de equivalente geral e ao servir para expressar o valor de todas as mercadorias, ele se transforma em mercadoria-dinheiro. Assim, o papel de equivalente geral que antes era desempenhado por um grande número de mercadorias particulares, agora se encontra centralizado no ouro, validado socialmente como mercadoria de aceitação geral. Esse estágio da evolução do dinheiro pode ser simbolizado pela Equação Dinheiro do Valor, a seguir.

$$\left. \begin{array}{l} \overbrace{aM_1}^{\text{FRV}} \\ bM_2 \\ cM_3 \\ \vdots \\ qM_n \end{array} \right\} = \overbrace{D \text{ (ouro)}}^{\text{FEV}}$$

Observa-se mais uma vez o desenvolvimento da contradição entre valor e valor de uso, já que a partir deste momento o valor de cada mercadoria, além de não poder se expressar no seu próprio valor de uso, não pode se expressar no valor de uso de nenhuma outra mercadoria, incluindo aquelas que antes desempenhavam o papel de equivalente geral, tendo as 'n' mercadorias que encontrar a materialidade do ouro para concretizarem o seu valor. Com isso o ouro se torna uma referência, passando a ser o principal metal usado para a produção e cunhagem de moeda, forma particular que o dinheiro assume em sua função de meio de circulação, como observa Marx:

A forma de moeda assumida pelo dinheiro decorre de sua função de meio de circulação. O peso de ouro idealizado no preço ou nome em dinheiro das mercadorias, tem de confrontá-las na circulação, objetivado em peças de ouro do mesmo nome, em moedas. A cunhagem, do mesmo modo que o estalão de preços, torna-se atribuição do Estado. (MARX, 1989, p. 138).

Ou seja, a moeda é o dinheiro cunhado, produzido pelo Estado a partir de um material resistente (classicamente as sociedades usaram para esse fim os metais preciosos, modernamente recorre-se ao papel moeda), que serve de base concreta para representar um dado padrão de preços. Essa definição é importante, pois permite distinguir com clareza as duas categorias (dinheiro e moeda), muitas vezes empregadas, indevidamente, como sinônimos.

Diante do que já foi exposto até este ponto, se pode concluir que o dinheiro surge a partir de um processo evolutivo, baseado no crescimento da produtividade social do trabalho, que promove uma progressiva expansão do volume de mercadorias lançadas no mercado, com o que se desenvolve também a contradição entre valor e valor de uso, encerrada no interior de cada mercadoria. “[...] A mercadoria equivalente da forma simples do valor, é o germe da forma dinheiro”. (MARX, 1989, p. 79), com seu desenvolvimento, esse germe se transforma na mercadoria equivalente geral, que passa a funcionar como meio de troca, até chegar à forma mercadoria-dinheiro assumida pelo ouro. Contudo, a evolução do dinheiro não para por aqui, mas, ao contrário, ela continua se processando e fazendo com que ele assumam novas formas, em geral imateriais, as quais estão associadas determinadas funções.

Isto ocorre porque, juntamente com a continuidade do desenvolvimento da produção e circulação das mercadorias, continua a se desenvolver também a contradição entre valor e valor de uso, que está presente no dinheiro, enquanto mercadoria especial e representante

universal do valor e é nesse processo que se encontra a explicação para a progressiva desmaterialização do dinheiro, que vem se intensificando no capitalismo contemporâneo.

Ocorre que o dinheiro (ouro), assim como qualquer mercadoria, possui valor e valor de uso, no entanto, apesar do valor de uso do ouro ser material, a sua utilidade, enquanto funciona com dinheiro, é ideal, isto é, ela não se encontra na materialidade do ouro, mas fora dela, na consciência social dos indivíduos, que reconhecem nesta mercadoria a potencialidade de aquisição de todas as outras mercadorias existentes no mercado, ou seja, de todos os valores de uso. Logo, como a utilidade do dinheiro é ideal, está fora dele, na cabeça dos seres humanos, isto dispensa a sua presença física nas relações de troca, o que não poderia acontecer se a sua utilidade fosse material<sup>3</sup>, criando a possibilidade da sua substituição por meros símbolos ou representantes do valor. Este, portanto, constitui o fundamento do processo de desmaterialização do dinheiro, aspecto este que, ao que parece, tem sido pouco explorado pelos autores envolvidos no debate sobre o dinheiro aqui citados.

Do ponto de vista prático, o ouro, apesar de todas as propriedades já destacadas, também apresenta alguns inconvenientes, enquanto dinheiro, como o seu custo de transporte, sobretudo quando isto envolve grandes quantidades e longas distâncias. Assim, aos poucos ele vai deixando de circular de “corpo presente”, aparecendo nas trocas, em geral, apenas por meio de signos, cada vez mais imateriais. Essa nova etapa de desenvolvimento do dinheiro pode ser representada por uma nova equação, a Equação Dinheiro Ampliado do Valor:

$$\left. \begin{array}{l} \text{FRV} \\ \overbrace{aM_1} \\ bM_2 \\ cM_3 \\ \vdots \\ qM_n \end{array} \right\} = D \left( \begin{array}{c} \text{FEV} \\ \text{ouro} \\ \text{papel moeda} \\ \text{cartão de crédito} \\ \text{cartão de débito} \\ \text{chips} \\ \vdots \end{array} \right)$$

Esta equação simboliza aqui o atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, no qual muito mais do que o ouro, desempenham o papel de dinheiro, na esfera da circulação, diversos signos que não possuem valor intrínseco, como as cédulas, os cartões de pagamento (débito e crédito) e os chips de telefones móveis. Isto significa que o dinheiro, nesta perspectiva, é compreendido como uma categoria dinâmica, em transformação, e não como algo estático que se mantenha sempre sob a mesma forma, por isso utilizou-se o termo “dinheiro ampliado”.

Esta visão difere daquela defendida por Germer, segundo a qual “[...] na teoria de Marx, não há dinheiro imaterial, apenas formas derivadas do dinheiro para exercerem algumas das suas funções, como por exemplo, o dinheiro de crédito” (Germer, 1997, p. 109). Para ele, apenas o ouro constitui o “verdadeiro dinheiro”. Esta interpretação aprisiona o dinheiro à materialidade da mercadoria e subestima a sua capacidade de metamorfose, deixando de lado a dialética presente na teoria Marxiana. Por outro lado, ela se fundamenta em algumas frases escritas pelo próprio Marx, como a que se segue: “A fim de simplificar, pressuporemos sempre que o ouro é a mercadoria dinheiro.” (MARX, 1989, p. 105), uma

<sup>3</sup> Da mesma forma que não se pode medir o peso de um objeto apenas idealizando uma balança, não se pode saciar a fome de alguém apenas idealizando os alimentos necessários, ou por meio de papéis que simbolizem alimentos.

hipótese simplificadora adotada nesta etapa de exposição de sua teoria<sup>4</sup>, mas que muitos autores têm levado ao pé da letra.

A esse respeito é importante lembrar a definição de dinheiro apresentada pelo autor:

É dinheiro a mercadoria que serve para medir o valor e, diretamente ou através de representante, de meio de circulação. Por conseguinte, ouro (ou prata) é dinheiro. Desempenha o papel de dinheiro diretamente, quando tem de estar presente com sua materialidade metálica, como mercadoria dinheiro, portanto, e não idealmente, como sucede em sua função de medida de valor, nem através de representação por símbolos, como ocorre em sua função de meio de circulação. Desempenha o papel de dinheiro diretamente ou por meio de representante, quando configura com exclusividade o valor ou a única existência adequada do valor-de-troca das mercadorias, em oposição à existência delas como valores-de-uso. (MARX, 1989, p. 144).

De acordo com esta definição, portanto, dinheiro não se confunde apenas com o ouro, o seu papel pode ser desempenhado por representantes e isto resulta do desenvolvimento da oposição entre o valor e o valor de uso, que leva a uma progressiva separação do valor, cada vez mais representado por símbolos, do seu suporte material, o valor de uso, constituído pelo ouro, ou, como mostram as equações do valor, pelo próprio conjunto das mercadorias, encarnação social do trabalho humano, fonte originária do valor. Todavia, contra a tendência de separação dos opostos prevalece a sua unidade, garantindo assim a manutenção da contradição e fazendo com que, apesar da progressiva desmaterialização, o dinheiro continue necessitando, como ocorre com qualquer mercadoria, de um suporte material para o seu valor.

## 2. As Funções do Dinheiro no Capitalismo Contemporâneo

Ao longo de suas obras, Marx destacou as seguintes funções exercidas pelo dinheiro, em uma sociedade mercantil: a) medida de valores; b) meio de circulação; c) meio de pagamento; d) meio de entesouramento; e) dinheiro universal. Porém, o surgimento e desenvolvimento do capital afeta de maneira significativa essas funções, dando-lhes novos formatos, particularmente no capitalismo contemporâneo, como será visto nesta seção.

Cabe aqui, primeiramente, observar que com a passagem da sociedade mercantil simples para a sociedade capitalista, ocorrem importantes mudanças no processo de produção e circulação de mercadorias, as quais afetarão o dinheiro, não apenas em suas formas, mas também em seu conteúdo. A circulação simples, do tipo  $M_1 - D - M_2$ , cujo objetivo é a satisfação das necessidades dos produtores por meio da aquisição de um valor de uso diferente daquele que produzem, deixa de ser a forma predominante de circulação<sup>5</sup> para dar lugar a circulação capitalista,  $D - M - D'$ , cujo objetivo é a obtenção de mais valor ao final do circuito. Deste modo, a produção de valores de uso fica subordinada a produção de mais valor, com isso, o processo de produzir mercadorias se transforma num meio para a produção contínua de mais valor e, tanto as mercadorias como o próprio dinheiro, ambos diretamente relacionados com o capital produtivo, passam a circular como formas de existência do capital.

Isto significa que o dinheiro passa agora a assumir mais uma função, a de meio de investimento, passando a circular como capital e, enquanto tal, necessitando imprimir uma velocidade crescente ao longo do tempo, dada a sua reprodução em escala sempre ampliada, fator que impulsiona sua desmaterialização, na medida em que cresce a autonomia do valor em relação ao valor de uso, por aquele subordinado.

---

<sup>4</sup> Capítulo três do livro primeiro de “O Capital”, momento em que no modelo teórico de Marx ainda não existe sequer a figura do capital e mesmo depois de tê-lo introduzido em seu modelo, ao longo de toda esta obra, Marx não voltou a analisar as funções do dinheiro no capitalismo, algo que ele poderia ter feito se tivesse tempo.

<sup>5</sup> Embora continue existindo mesmo na sociedade capitalista.

O desenvolvimento do capital comercial e do capital produtor de juros, resultante da progressiva autonomização do capital-mercadoria e do capital-dinheiro, respectivamente, torna ainda mais complexo esse processo de desmaterialização, uma vez que ambos passaram a produzir e jogar em circulação formas de valor-capital, cuja natureza material se encontra cada vez mais distante daquela necessária para a criação de mais valor, a exemplo dos títulos e das ações. Por conseguinte, enquanto atua como capital, o dinheiro necessita circular em um ritmo continuamente acelerado, para aumentar a sua velocidade de rotação e fazer com que o mesmo se valorize sempre mais rapidamente. Assim, a sua forma funcional, na medida em que o sistema capitalista se desenvolve, não poderia ser outra a não ser uma forma (ou formas) leve, repleta de praticidade e mobilidade, composta por um número cada menor de partículas de matéria.

Logo, a conclusão a que se chega por esse raciocínio, corroborada pela história social do capitalismo, é a de que o desenvolvimento do capital, sobretudo do capital produtor de juros, levou a um alto grau de imaterialidade não apenas no que se refere ao dinheiro, mas também, em grande medida, à própria riqueza capitalista. Aparentemente isto poderia sugerir que a teoria Marxiana, baseada na lei do valor-trabalho, estaria historicamente superada, contudo, apenas uma interpretação mecanicista das idéias de Marx poderia chegar a esta conclusão.

É importante lembrar que o próprio Marx já tratava desse assunto por meio daquilo que chamava de “capital fictício”<sup>6</sup>, forma imaterial de riqueza produzida ao longo do sistema de crédito, que tem como base a já referida relação de atração e repulsão estabelecida entre o valor e o valor de uso, ampliada para um grau ainda mais elevado: a valorização do capital por si só, sem que este produza, ou mesmo contribua para a produção de riqueza material<sup>7</sup>. Portanto, mesmo a nível teórico, não há inconsistência entre esta concepção de riqueza imaterial e a teoria Marxiana do dinheiro. Carcanholo (1999) é um dos autores que buscou demonstrar isso, recorrendo também à análise das formas (equações) do valor:

[...] De fato, para Marx, dinheiro é mercadoria. Porém esta não é algo que se defina de uma vez e para sempre. Mas, sobretudo, a mercadoria não é a sua determinação material. Ela é um processo de desenvolvimento contraditório que implica a dominação cada vez maior do valor sobre o valor-de-uso. Mercadoria é cada vez menos materialidade-mercadoria, pois é cada vez mais forma, cada vez mais pura relação social substantiva. (CARCANHOLO, 1999, p. 16).

Contudo, faltou a Carcanholo (1999) continuar desenvolvendo a análise das formas (equações) do valor, estendendo-a para o capitalismo contemporâneo e foi exatamente isto que se pretendeu fazer neste trabalho, por meio da Equação Dinheiro Ampliado do Valor, que engloba o capital-dinheiro, em suas mais variadas formas.

A ampliação das formas de dinheiro, em conjunto com o avanço de diferentes espécies de capital fictício, levou a contradição entre valor e valor de uso a atingir o seu ápice. Atualmente, as principais formas de dinheiro em circulação, em si mesmas, não possuem valor algum, embora possam adquirir todos os valores existentes no mercado, ao mesmo tempo em que se acham cada vez mais distantes de seu suporte material, mas que, por outro

---

<sup>6</sup> Conceito apresentado ao longo de vários capítulos do livro terceiro de “O Capital”, que consiste na criação (destruição) de capital puramente nominal, dissimulado em papéis que carregam um “valor” de face, que ora se aprecia, ora se deprecia.

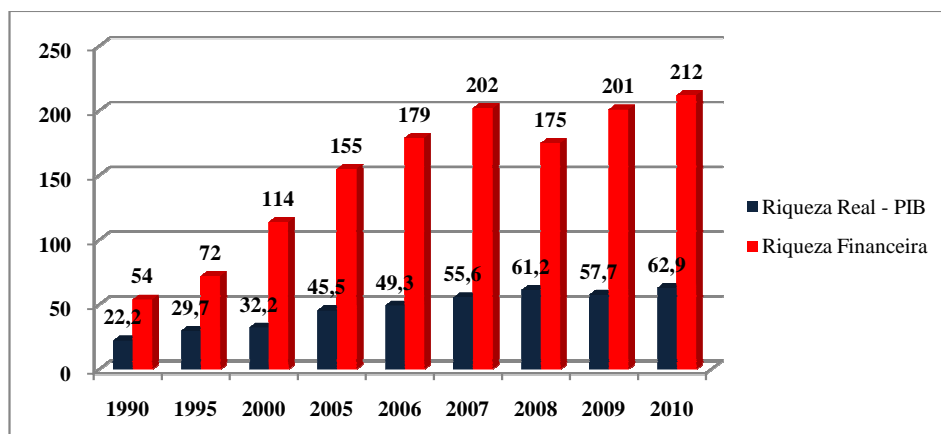
<sup>7</sup> Diferentemente do capital produtor de juros, que contribui, mesmo que indiretamente, com o capital produtivo. Contudo, é importante observar que mesmo um capital que inicialmente contribua para a produção material da sociedade pode, através do movimento dialético, dar origem ou transformar-se em capital fictício.



lado, permitem que os seus detentores obtenham qualquer valor de uso disponível no mercado.

Já o capital, transformado em mercadoria, a mercadoria-capital<sup>8</sup>, assume diferentes roupagens, impulsionado por um conjunto emaranhado de mecanismos que atuam no sentido de promover a circulação e a propagação de valor fictício. Esses mecanismos vêm se desenvolvendo consideravelmente no sistema financeiro internacional contemporâneo, a um ritmo superior ao da produção material da sociedade, como ilustra o gráfico 2.1.

**Gráfico 2.1 – Produção de Riqueza Real e de Riqueza Financeira (em US\$ trilhões) de 1990 a 2010**



Fonte: Fundo Monetário Internacional e Mckinsey Global Institute.

Os dados acima revelam o crescimento desproporcional entre a riqueza financeira mundial<sup>9</sup> e a riqueza real. De 1990 até 2010, a assimetria entre a produção de bens e serviços e a produção de ativos financeiros se ampliou significativamente, ao longo do período a produção de riqueza real registrou uma taxa média anual de crescimento<sup>10</sup> de 13,5%, enquanto que a produção de riqueza financeira, como títulos e ações, cresceu a uma taxa média anual de 17,5%. Somente em 2010 a economia mundial registrou um Produto Interno Bruto (PIB) de US\$ 62,9 trilhões. No mesmo ano, o total de ativos financeiros no mundo chegou à impressionante marca de US\$ 212 trilhões, o que corresponde a aproximadamente 337%, ou mais que o triplo, daquilo que é produzido em mercadorias em todo o globo, medido pelo PIB.

Percebe-se com isso que em 2010 circulava na economia mundial um montante de aproximadamente US\$ 149 trilhões, em valor-capital fictício, uma riqueza irreal, dissimulada e imaginária, que continua a alimentar o sistema financeiro internacional. Isto significa que nem mesmo a dissolução de grande parcela dos ativos financeiros, provocada pela crise econômica mundial, do final dos anos 2000, foi suficiente para deter o progressivo descolamento do valor de sua base material, embora pudesse ter sido, não fosse a injeção de

<sup>8</sup> Vendida pelo capital produtor de juros essa é a mercadoria que, em essência, se transaciona no chamado mercado de capitais.

<sup>9</sup> Fazem parte dessa forma de riqueza a capitalização dos mercados acionários globais; o valor nominal de títulos emitidos por governos, corporações e instituições financeiras; instrumentos de dívida titularizados, e o valor contábil de empréstimos mantidos nos balanços dos bancos e outras instituições financeiras.

<sup>10</sup> Essa taxa foi calculada através do modelo de regressão log-linear, muito utilizado para se obter taxas de crescimento de séries temporais.

trilhões<sup>11</sup> de dólares para a capitalização de grandes corporações, feita por órgãos governamentais de vários países.

Diante desse complexo processo de desmaterialização da riqueza na contemporaneidade, é pertinente levantar aqui duas importantes questões: quais alterações estão ocorrendo com as funções do dinheiro na atual etapa do capitalismo? E como estas estão se desenrolando? Para responder essas perguntas é necessário voltar ao início e rediscutir os múltiplos papéis do dinheiro.

Iniciaremos pela análise da função de medida de valores. Para tanto, é importante fazer algumas considerações iniciais sobre o valor e o preço das mercadorias. Como se sabe, o preço é a forma de expressão monetária do valor das mercadorias, idealizada na mente dos agentes econômicos, isto significa que para medir o valor das mercadorias o dinheiro não precisa estar fisicamente presente. Mas, como observa Marx, “Embora apenas o dinheiro idealizado sirva para medir o valor, depende o preço, inteiramente, da substância real do dinheiro.” (MARX, 1989, p.107). E qual seria a substância real do dinheiro? Se o dinheiro é uma mercadoria, então a sua substância real, aquilo que lhe confere valor e valor de uso, é o trabalho humano. Por isso, na sua função de medir valores, o dinheiro necessita estar vinculado a um suporte material, conferido normalmente pelo ouro, de modo que acaba se tornando função do Estado o estabelecimento de um “padrão monetário”, que defina com precisão o valor da unidade monetária relacionando-a a uma dada quantidade de ouro.

No capitalismo, contudo, além de servir para medir o valor, o dinheiro serve também para medir a valorização do capital, lei fundamental deste modo de produção. Assim, enquanto mede o valor de uma determinada mercadoria, o dinheiro está medindo também a valorização do valor-capital adiantado para a sua produção. Por outro lado, com a evolução da mercadoria-capital, o dinheiro passa a atuar também de uma maneira crescentemente irracional, pois ele é amplamente utilizado para precificar mercadorias que não possuem nenhum valor, isto é, os ativos financeiros constituídos a partir de capital puramente fictício. É como se a sua função de medida de valores perdesse parcialmente o sentido.

A despeito disso, o instrumento monetário diretamente usado para cumprir essa função tem sido o papel moeda de curso forçado, que ainda se encontra, de alguma maneira, lastreado pelo ouro, como ressalta Germer:

“[...] as reservas mundiais oficiais de ouro monetário continuam representando uma proporção expressiva das reservas totais. Atualmente, as reservas de ouro monetário dos Bancos Centrais e organismos monetários internacionais montam a cerca de 35 mil toneladas, equivalentes a mais de US\$ 300 bilhões, a preços de mercado.” (GERMER, 2001, p.207).

O fato dos Bancos Centrais manterem milhares de toneladas de ouro em reservas significa que, de certa forma, o papel moeda emitido e lançado em circulação continua possuindo um suporte material, necessário para que o padrão monetário de um país possa se apresentar como digno de confiança. Os dados da tabela 2.1 mostram os níveis atuais das reservas em ouro dos bancos centrais.

---

<sup>11</sup> Montante que não se sabe ao certo a magnitude, mas estimado em torno de US\$ 25 trilhões. Essa injeção de liquidez impediu que a crise pudesse cumprir o seu papel e restabelecer a unidade entre valor e valor de uso, diluída em decorrência do aprofundamento da oposição que há entre eles.

**Tabela 2.1 – Reservas em Ouro dos Bancos Centrais (em milhões de onças-troy), Segundo Região do Planeta**

Região (Países)	2007	2008	2009	2010	2011*
Mundo	960,34	960,22	977,05	981,59	989,90
Economias Avançadas	712,43	703,71	700,19	699,97	700,60
Países emergentes e em desenvolvimento	140,05	149,06	175,27	175,05	183,35
Países asiáticos em desenvolvimento	46,19	46,98	68,56	68,98	70,36
Europa	31,06	33,43	37,86	42,66	45,58
Oriente Médio e Norte da África	37,45	43,19	43,19	43,19	43,19
África Subsaariana	6,69	6,70	6,68	6,69	6,69
Hemisfério Ocidental	18,66	18,76	18,98	19,33	23,31

Fonte: Fundo Monetário Internacional/International Financial Statistics. \*Até outubro

Como se pode ver, o conjunto dos bancos centrais do globo possui um total de 989,9 milhões de onças-troy de ouro, em reservas, o que corresponde a aproximadamente 31 mil toneladas de ouro, montante equivalente a cerca de US\$ 1,6 trilhão, a preços correntes de mercado. Esses milhares de toneladas de ouro mantidas pelos bancos centrais confirmam que, apesar da progressiva desmaterialização, o dinheiro permanece, em última instância, fundado em uma base concreta, embora, esta esteja cada vez mais distante das formas que ele assume na esfera da circulação.

Enquanto meio circulante o dinheiro atua não apenas como um instrumento necessário para a circulação das mercadorias, mas, principalmente, como um instrumento necessário para a circulação do capital, por isso o seu movimento é contínuo e incessante e a sua velocidade é determinada de acordo com o tempo de rotação do capital. Isto faz com que ele ganhe formatos capazes de impulsionar a sua mobilidade, tais como os conhecidos cartões de pagamento (crédito e débito) que juntamente com o papel moeda, conformam os principais instrumentos monetários utilizados para o cumprimento dessa função.

Neste ponto é preciso destacar uma conclusão importante: se originalmente o ouro cumpria as diferentes funções do dinheiro, aglutinando-as em um único objeto, atualmente, estas funções se encontram fragmentadas e espalhadas em inúmeros objetos que funcionam como instrumentos monetários distintos, tanto na forma quanto no conteúdo, não existindo mais um único objeto que desempenhe todas aquelas funções<sup>12</sup>.

Por outro lado, algumas formas de dinheiro assumem mais de uma função, como ocorre com os cartões de pagamento, que ganharam tamanha autonomia nas economias atuais, que deixaram de ser meras formas de pagamento, tornando-se também importantes alavancas para o processo de circulação de mercadorias e de capital, dado que “[...] À medida que se amplia o sistema de crédito, desenvolve-se a função de meio de pagamento exercida pelo dinheiro. Através dessa função, adquire formas próprias de existência no domínio das grandes transações [...]” (MARX, 1989, p. 154).

Estas formas próprias de existência do dinheiro, oriundas de sua função de meio de pagamento, são produzidas numa escala crescente, como mostram os dados da tabela 2.2.

<sup>12</sup> O ouro há muito não exerce mais algumas funções, como a de meio de circulação, meio de pagamento e a de dinheiro universal, contudo, ele continua exercendo a função de meio de entesouramento e de medida de valores, embora, nesta última, o faça de maneira indireta. Mas, contraditoriamente, ele passou a ser usado também, no capitalismo, como meio de especulação, ao mesmo tempo em que o dinheiro circula como capital, sob diversas formas imateriais.

**Tabela 2.2 – Número de Cartões de Pagamento no Brasil (em milhares)**

Ano	Total	Crédito	Débito	Lojas
2000	118.725	28.784	48.045	41.896
2001	151.487	37.563	63.899	50.024
2002	183.241	41.583	82.430	59.229
2003	221.541	45.117	105.350	71.074
2004	277.006	52.787	138.219	86.000
2005	336.179	67.902	170.781	97.496
2006	387.766	82.399	187.099	118.268
2007	452.549	104.466	201.382	146.701
2008	514.068	124.490	216.785	172.793
2009	565.228	136.212	232.549	196.467
2010	628.015	153.375	249.293	225.347
2011*	687.003	173.282	266.319	247.402

Fonte: Associação Brasileira das Empresas de Cartões de Crédito e Serviços  
\* Estimativa

O número de cartões de pagamento no Brasil passou de pouco mais de 118 mil, em 2000, para 687 mil, em 2011, isto representa uma taxa média anual de crescimento de 17,4%, ao longo do período. Esses números mostram que nas funções de meio de pagamento e meio de circulação, predominam formas cada vez mais imateriais de dinheiro. Além disso, o capitalismo moderno vem criando ou recriando novos instrumentos monetários para essas funções, a exemplo dos chips de radiofrequência integrados em telefones móveis, que permitem a realização de compras sem dinheiro ou cartão de pagamento, constituindo uma forma de pagamento móvel.

Esta tecnologia já é utilizada em vários países, como o Japão, possibilitando um tipo de transação em que a mercadoria pode ser paga através da fatura mensal do telefone, ou mesmo via débito em conta corrente. Mas esta é uma forma de dinheiro que ainda se encontra numa fase inicial de desenvolvimento. Em todo o mundo o número de usuários de pagamento móvel girava em torno de 141 milhões<sup>13</sup>, em 2011, uma parcela ainda pequena da população mundial, que corresponde a aproximadamente sete bilhões de pessoas<sup>14</sup>.

Apesar disso, o uso do telefone móvel como instrumento monetário já constitui um avanço importante em relação aos cartões de pagamento, pois um único telefone pode conter dinheiro virtual, adquirido via internet, e vários cartões de crédito e débito<sup>15</sup>. O desenvolvimento desses meios eletrônicos de pagamento evidencia o grande potencial das economias de produzirem, endogenamente, suas próprias formas de dinheiro, independentemente do aval de uma autoridade monetária como um banco central, ao passo em que impulsiona a construção de uma aparência crescentemente imaterial do dinheiro, fazendo-o circular de maneira virtual.

Neste formato virtual, o dinheiro pode alcançar uma velocidade de circulação que o dinheiro físico como o ouro, ou mesmo o papel moeda, jamais alcançariam, por isso esse formato é ideal para o capital, enquanto mercadoria, pois ele requer extrema mobilidade para acessar qualquer oportunidade de investimento lucrativo, onde quer que ela esteja. Diante dessa necessidade surge a seguinte questão: como fica a função de meio de entesouramento

<sup>13</sup>GARTNER. **Gartner Says Worldwide Mobile Payment Users to Reach 141 Million in 2011**, Stamford, 21 de Julho de 2011. Disponível em: <http://www.gartner.com/technology/home.jsp>. Acessado em: 11 jan. 2012, 11:45.

<sup>14</sup>UNITED NATIONS. **World Population Prospects, the 2010 Revision**, On-line Database. Disponível em: <http://esa.un.org/unpd/wpp/index.htm>. Acessado em: 11 jan. 2012, 11:45.

<sup>15</sup> Todavia, como acontece com qualquer meio eletrônico de pagamento, o uso do celular como instrumento monetário está sujeito a fraudes e roubo de dados e informações.

do dinheiro, dada a sua crescente mobilidade no capitalismo contemporâneo? À primeira vista, parece que, atualmente, essa função perdeu completamente o sentido, uma vez que retirar dinheiro de circulação e retê-lo sob a forma de tesouro é algo que se choca com a lógica de acumulação de capital.

Assim, enquanto tem por conteúdo o capital, o dinheiro nega a sua função de meio de entesouramento. Sua circulação é condição fundamental para o processo de valorização do capital. Contudo, o desenvolvimento do sistema de crédito, associado à desmedida expansão do consumo, leva muitos indivíduos a contraírem dívidas, o que acaba os obrigando a formação de reservas para a quitação de suas obrigações financeiras.

O instrumento monetário normalmente utilizado para a composição dessas reservas é próprio papel moeda. Frequentemente, porém, ele se mostra ineficiente neste papel, em decorrência de processos inflacionários. Tampouco servem para este fim as formas imateriais de dinheiro acima descritas, pois, como foram concebidas especificamente como instrumentos monetários de circulação e meios de pagamento, não possuem as propriedades necessárias para reserva de valor. Por isso, o ouro continua sendo a mercadoria mais eficiente para o cumprimento desse papel. Suas características materiais lhe confere a segurança necessária para a preservação do valor, coisa que não se verifica, ou se verifica numa medida insuficiente, nos demais instrumentos monetários.

Não obstante, o ouro, assim como os demais metais preciosos, há muito deixaram de exercer a função de dinheiro universal, isto é, de dinheiro que não possui barreiras territoriais ou nacionais, atuando como meio internacional de pagamento e de aquisição de mercadorias, fato que está diretamente relacionado com a evolução, tanto em extensão, como em profundidade, das relações econômicas entre os países. O capitalismo moderno, marcado pelo fluxo migratório contínuo de capitais entre as nações, promoveu o crescimento exponencial das relações internacionais, de modo que a quantidade de metais preciosos monetários se tornou insuficiente para fazer circular tamanho volume de valor-capital, sob as mais diversas formas e em uma escala global.

A questão é que enquanto a produção de metais preciosos se encontra limitada pelas suas reservas naturais, existentes no planeta, a produção de valor pelo capital não possui limites, a não ser aqueles que lhe são impostos, periodicamente, pela sua própria lógica contraditória de existência e funcionamento. Por causa disso, algumas moedas nacionais acabaram sendo despojadas de suas características locais, para se revestirem de representantes universais do valor, como ocorreu com o dólar, que passou a ocupar esse posto em decorrência do potencial produtivo dos Estados Unidos, que ainda são a maior economia do mundo. Ou seja, o lastro contemporâneo de uma moeda não é dado estritamente pelo ouro, mas, mais do que isso, pela riqueza material produzida pelo seu país de origem, por isso o dólar continua sendo a referência monetária internacional, nas transações comerciais e financeiras entre os países.

É importante ainda destacar que também nesta função existe um movimento, ainda que embrionário, em direção ao uso de instrumentos monetários ainda mais imateriais. Nos últimos anos têm se observado uma expansão das transações internacionais feitas com o uso de dinheiro virtual, uma espécie de dinheiro que pode ser gerado na própria internet por meio de softwares específicos, que utilizam a capacidade de processamento de dados dos computadores.

Mas o que interessa mesmo destacar a respeito dessa forma de dinheiro é o fato dela não possuir fronteiras, por se tratar de dados codificados que podem ser transferidos livremente entre os usuários, sem a influência de normas impostas por uma autoridade monetária. Ou seja, é uma forma de dinheiro completamente desmaterializada, produzida pelos próprios agentes econômicos e completamente descentralizada. Isso significa que ela circula sem as comuns amarras impostas pela regulamentação, criada por um governo ou um

banco central, que limitam o uso das moedas convencionais como dinheiro universal. Ademais, o dinheiro virtual tem sido usado como alternativa para driblar a inflação que incide, permanentemente, sobre as moedas convencionais.

### 3. O Dinheiro e a Inflação

Definida normalmente como “o aumento generalizado e persistente no nível de preços dos bens e serviços” pelos manuais de economia, ou como “a desvalorização da moeda em relação ao conjunto das demais mercadorias”, a inflação se transformou numa das principais características do capitalismo contemporâneo, o centro das atenções dos bancos centrais e principal alvo das políticas monetárias. Inúmeros trabalhos tratando do assunto foram elaborados nas últimas décadas onde diferentes causas foram apontadas como explicação para o fenômeno, que apesar de todos os esforços empregados para combatê-lo, permanece se desenvolvendo.

A teoria econômica convencional, fundamentada pela lógica formal, logo tratou de aplicar, como costuma fazer, os princípios da taxonomia para classificar os processos inflacionários. Com isso surgiram conceitos tradicionais como o de inflação de demanda, inflação de custos, inflação mista e inflação inercial. Deste modo o fenômeno passou a ser tratado, em geral, segundo suas categorias e para cada uma delas está associada uma explicação distinta. De acordo com este ponto de vista, a inflação pode ser provocada por múltiplos fatores, como o excesso de demanda em relação à oferta; a elevação dos custos de produção, ocasionada pelo aumento dos salários ou do preço das matérias-primas; ou ainda uma combinação destes dois elementos (excesso de demanda e aumento de custos).

O grande problema desta classificação, e de qualquer outra, é o fato de que os fenômenos estão sempre em movimento, em transformação, por isso a inflação precisa ser encarada como um processo, algo dinâmico, e não como algo estático que possa ser classificado de maneira definitiva. Um bom exemplo dos problemas enfrentados pela taxonomia é a classificação dos seres vivos em reinos, que já passou por diversas alterações desde sua criação. As algas, por exemplo, já foram classificadas em mais de um reino.

Essa complexidade apresentada pelos fenômenos, sempre em evolução, exige, portanto, que os mesmos sejam observados de pontos de vistas distintos, de maneira que se possam compreender seus diferentes aspectos. No caso da inflação, isto significa que a sua classificação em diferentes categorias é algo importante, pois permite organizar de maneira lógica variados aspectos deste fenômeno. É, porém, insuficiente, por levar em consideração apenas as formas de manifestação, deixando de lado a observação do seu movimento, em suas características essenciais, isto é, a análise do desenvolvimento do seu conteúdo.

Mas dado que a inflação consiste no aumento “generalizado” e “persistente” do nível de preços das mercadorias e tendo em vista que os preços constituem formas de manifestação, em dinheiro<sup>16</sup>, do valor, analisar o desenvolvimento do seu conteúdo significa regressar novamente a teoria Marxiana do valor, para, a partir daí, acompanhar a progressão do movimento responsável pelas mudanças quantitativas e qualitativas, desta forma de expressão do valor.

Em assim sendo, é preciso destacar, em primeiro lugar, que a própria magnitude do valor do dinheiro é expressa, como qualquer mercadoria, sempre de maneira relativa e depende do tempo de trabalho socialmente necessário para a sua produção, comparativamente ao tempo de trabalho socialmente necessário para a produção das demais mercadorias, ou seja, ela é diretamente influenciada pela produtividade social do trabalho, nos mais diversos ramos de produção. A esse respeito Marx observa que:

---

<sup>16</sup> Na sua função de medida de valores, como visto na seção anterior.

Só pode haver subida geral dos preços das mercadorias, permanecendo inalterável o valor do dinheiro, quando os valores das mercadorias sobem; não se modificando os valores das mercadorias, quando cai o valor do dinheiro. E, ao contrário, só pode suceder queda geral dos preços das mercadorias, mantendo-se inalterável o valor do dinheiro, quando os valores das mercadorias caem; não se alterando os valores das mercadorias, quando o valor do dinheiro sobe. (MARX, 1989, p. 111).

Então, um processo inflacionário pode ser provocado por uma elevação nos valores das mercadorias, dado o valor do dinheiro, entretanto, é de amplo conhecimento o fato de que a produtividade do trabalho possui uma tendência contínua de crescimento, ao longo da história do capitalismo, constantemente impulsionada pelo progresso tecnológico, motivado pela incessante jornada percorrida pelo capital, em busca de mais valor. Essa força é responsável pela redução do tempo de trabalho socialmente necessário para a produção das mais diversas mercadorias, inclusive do dinheiro, promovendo uma queda em seus valores.

Mas essa queda nos valores das mercadorias e no valor do dinheiro ocorre, normalmente, em proporções diferentes, com os valores das mercadorias podendo cair num ritmo mais acelerado que o valor do dinheiro e vice-versa. Todavia, seria uma conclusão demasiadamente simplificadora e insuficiente, dizer que a inflação, no capitalismo contemporâneo, decorre de um crescimento da produtividade do trabalho, na produção de dinheiro, a um ritmo acima do crescimento médio da produtividade do trabalho da sociedade.

Isto porque, em primeiro lugar, a utilização das moedas para a designação de determinada quantidade de trabalho que se acha materializado em uma mercadoria, cria representações nominais para o valor, através dos preços, tornando mais complexa a relação de troca entre as mercadorias e o dinheiro<sup>17</sup>, visto que:

Nessa relação pode o preço expressar tanto a magnitude do valor da mercadoria quanto essa magnitude deformada para mais ou para menos, de acordo com as circunstâncias. A possibilidade de divergência quantitativa entre preço e magnitude de valor, ou do afastamento do preço da magnitude de valor, é, assim, inerente à própria forma preço. (MARX, 1989, p. 115).

Em segundo lugar, por causa da crescente separação entre o valor e o valor de uso, cujo resultado é a progressiva desmaterialização do dinheiro e da própria riqueza, o que tem gerado significativas implicações sobre a lei do valor-trabalho. É claro que estes dois fatores são apenas aspectos diferentes de um mesmo problema e se encontram relacionados entre si.

Como foi visto na seção anterior, o desenvolvimento de formas cada vez mais imateriais de dinheiro tende a expandir, consideravelmente, a massa dos instrumentos monetários que funcionam como meio de circulação, transformando chips de telefones móveis e dados digitais em dinheiro e criando a ilusão de que o valor pode prescindir, definitivamente, de um suporte material. Isto revela, por um lado, que o progresso tecnológico contribui, assim como faz com as demais mercadorias, para reduzir a quantidade de trabalho necessário para a produção de dinheiro e, por outro lado, indica uma crescente probabilidade de formações de excesso de dinheiro “desmaterializado” em circulação.

Essa crescente proporção dos símbolos de valor, ou da grandeza de valor que estes representam, acima da real magnitude de valor do total das mercadorias em circulação, é apenas uma forma de expressão do elevado grau de descolamento do dinheiro de sua base

---

<sup>17</sup> O dinheiro passa a atuar como unidade de medida do valor, embora sob esta forma não possua valor algum, ao mesmo tempo em que representa um determinado padrão monetário.

concreta: o valor de uso. A consequência desse processo é uma depreciação<sup>18</sup> periódica desses símbolos de valor, incluindo aí o papel moeda de curso forçado, em decorrência do volume de instrumentos monetários estar acima do nível exigido pelas necessidades da circulação de mercadorias. O resultado disso é a deflagração de processos inflacionários, pois:

Se o papel [símbolos de valor] ultrapassa sua medida, – a quantidade de moeda de ouro de igual nome que poderia circular, – expõe-se ao descrédito geral, mas ainda assim representa a quantidade de ouro determinada pelas leis imanentes do mundo das mercadorias, portanto, só a quantidade de ouro suscetível de ser representada. Se a massa de papel-moeda [símbolos de valor] for o dobro do que deve ser, 1 libra esterlina, em vez de designar 1/4 de onça, será a denominação de 1/8 de onça. É como se o ouro tivesse experimentado uma alteração em sua função de medir os preços. Os mesmos valores que se expressavam antes por meio do preço de 1 libra esterlina, expressam-se agora pelo preço de 2 libras esterlinas. (MARX, 1989, p. 142).

Esse crescimento desproporcional dos símbolos de valor é impulsionado ainda pela própria lógica de acumulação de capital, a partir da qual o valor ganha autonomia em relação ao valor de uso, sobretudo com o capital fictício, baseado numa expansão irreal do valor e cuja própria remuneração é capaz de se processar, pelo menos temporariamente, de maneira virtual. A circulação e realização virtual do valor se operam enquanto se expande a sua separação do valor de uso, contudo, se encontra limitada pelas forças contrárias de atração que atuam sobre os mesmos, o que mantém a unidade.

Dessa maneira, a diminuição da quantidade de valor que certo símbolo representa, constitui apenas um modo de garantir a devida proporção entre este e a real magnitude de valor que ele substitui, enquanto meio circulante, mas a partir daí, não se pode concluir que os preços das mercadorias são determinados pela quantidade de dinheiro em circulação, como o faz a clássica teoria quantitativa de moeda. Ao contrário, de acordo com a teoria do valor-trabalho, são os preços das mercadorias que determinam a quantidade de dinheiro necessária para efetuar os movimentos requeridos pela circulação. É por isso que sempre que a quantidade de dinheiro, seja qual for a sua forma, ultrapassa as necessidades da circulação, ele sofre uma depreciação, caso não haja canais de escoamento para essa massa de instrumentos monetários excedentes.

Ocorre que no capitalismo contemporâneo, como foi mostrado, a contradição entre o valor e o valor de uso alcança o seu ápice, o que acaba resultando numa produção continuamente excessiva de símbolos de valor e no desenvolvimento de diversas formas de dinheiro imaterial. É como se o dinheiro, o representante universal do valor e da riqueza material, não tivesse mais qualquer relação com o trabalho, sua substância e fonte geradora. Assim, o capitalismo moderno incorre numa permanente violação da lei do valor, cuja principal consequência é a inflação.

Todo esse processo se desenvolve de tal maneira que os preços das mercadorias passam a se afastar e se desviar, gradativamente para mais, ou crescentemente acima dos valores, criando uma progressiva deformação e distorção nas expressões monetárias dos valores dos produtos do trabalho humano. O problema é que no capitalismo as leis econômicas se estabelecem por meio da média dos fenômenos, que constantemente se repetem na vida social dos indivíduos, ou, como afirma Marx, “a regra só se pode impor através de média que se realiza, irresistivelmente, através da irregularidade aparente.” (MARX, p. 115).

---

<sup>18</sup> O termo “depreciação” é empregado aqui não como um sinônimo de desvalorização, mas sim como rebaixamento da quantidade de valor que um símbolo representa.



Nos estágios iniciais de desenvolvimento do sistema capitalista, a “livre concorrência” agia como uma força coercitiva, impondo às empresas, de uma maneira implacável, as exigências da competição entre diferentes produtores de mercadorias, cuja regulação social é dada pelo tempo de trabalho socialmente necessário, estabelecido na esfera social da produção. Na esfera da circulação, essa regra era confirmada pela irregularidade dos preços de mercado, que oscilavam para mais e para menos em relação aos preços de produção<sup>19</sup>, de acordo com as flutuações da oferta e da demanda.

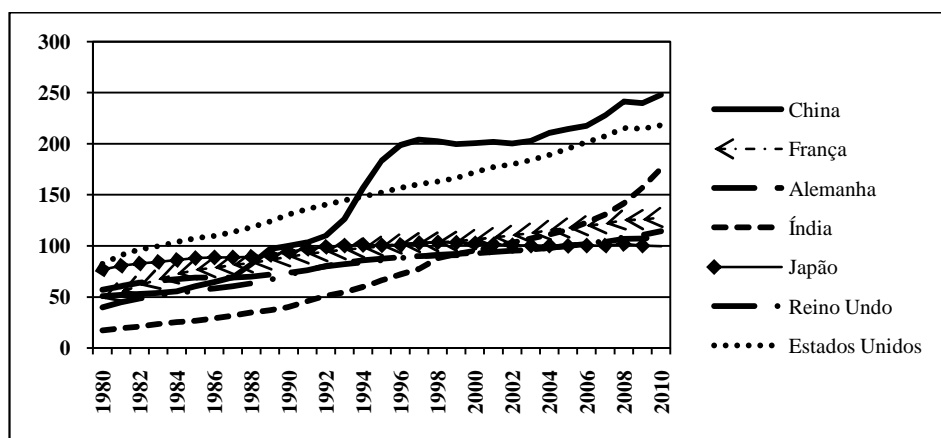
No capitalismo contemporâneo, porém, apesar das leis que regem a produção serem essencialmente as mesmas, o sistema econômico se encontra num estado qualitativamente diferente, marcado pelo grande poder monopolista de capitais multinacionais, que controlam uma parcela cada vez maior da riqueza social, a tal ponto de infringirem, continuamente, a lei do valor, por meio da administração e gerenciamento dos preços das mercadorias que se dá, frequentemente, à revelia das condições de mercado.

Com a dominação dos grandes monopólios, a administração de preços se transformou numa política não apenas no interior das grandes empresas, mas nos próprios Estados, que “controlam” os preços de produtos como petróleo, energia elétrica e gasolina. Por essa via, os capitais monopolistas, com o reforço do Estado, buscam garantir a lucratividade necessária para alimentar a acumulação.

Por tudo isso, a compensação dos preços de mercado que se operava, periodicamente, pelo fato destes se desviarem tanto para mais como para menos, em torno dos preços de produção, sofreu uma importante modificação, pois, apesar de continuar se processando, no capitalismo atual, embora de maneira muito menos regular, os preços de produção e, conseqüentemente, os preços de mercado, estão cada vez mais afastados do valor.

Enquanto os valores das mercadorias caem, nos diferentes ramos de produção, a um ritmo acelerado, como resultado da contínua elevação da produtividade do trabalho, os preços das mercadorias diminuem apenas lentamente e em poucos segmentos da economia, ou mesmo sobem em alguns deles, devido à transgressão da lei do valor-trabalho. Esse é o conteúdo econômico da inflação na sociedade contemporânea, que, seja via produção excessiva de símbolos de valor, seja via administração monopolista dos preços, desrespeita continuamente a lei que determina o valor das mercadorias, transformando os fenômenos inflacionários numa regularidade observada nas economias capitalistas, como mostra o gráfico a seguir.

**Gráfico 3.1 – Inflação Medida pelo Índice de Preços ao Consumidor (1980 a 2010)**



Fonte: Fundo Monetário Internacional/World Economic Outlook Database

<sup>19</sup> Os preços de produção representam mais uma forma de expressão do valor das mercadorias, que antes mesmo de chegarem ao mercado têm os seus valores convertidos em preços.

No período de 1980 a 2010, todos os índices de preços ao consumidor de algumas das principais economias mundiais, apresentaram uma tendência de crescimento, mais ou menos acentuada, e nem mesmo as severas crises econômicas internacionais de superprodução, que ocorreram ao longo dessas três décadas, ou os incessantes esforços de política monetária dos bancos centrais, foram capazes de deter a inflação nesses países. Isto mostra que o que a política econômica convencional consegue fazer em relação à inflação é, no máximo, e, até certo ponto, controlar o seu ritmo de expansão, pois ela age apenas na tentativa de conter as suas formas de expressão, nada fazendo em relação ao seu conteúdo, que prossegue se desenvolvendo.

A prova disso é a ortodoxa política de metas de inflação, em vigor nas principais economias do planeta, caracterizada pela definição de um intervalo ou de um ponto para o qual a inflação “deve” convergir, mediante o emprego de instrumentos diversos de política monetária. Em nenhum dos países que adotam este regime está em vigor uma meta de inflação igual a zero, como mostra a tabela 3.1.

**Tabela 3.1 – Metas de Inflação (%) em Diversos Países**

<b>País</b>	<b>Meta de Inflação</b>
Nova Zelândia	1 – 3
Canadá	2 +/- 1
Reino Unido	2 +/- 1
Suécia	2 +/- 1
Austrália	2 – 3
República Tcheca	3 +/- 1
Israel	2 +/- 1
Polônia	2,5 +/- 1
Brasil	4,5 +/- 2
Chile	3 +/- 1
Colômbia	2 – 4
África do Sul	3 – 6
Tailândia	0,5 – 3
Coreia	3 +/- 1
México	3 +/- 1
Islândia	2,5 +/- 1,5
Noruega	2,5 +/- 1
Hungria	3 +/- 1
Peru	2 +/- 1
Filipinas	4,5 +/- 1
Guatemala	5 +/- 1
Indonésia	4 – 6
Romênia	3,5 +/- 1
Turquia	6,5 +/- 1
Sérvia	4 – 8
Gana	14,5 +/- 1

Fonte: Fundo Monetário Internacional, Finance&Development, Março de 2010

Isto significa que por menor que seja a taxa de inflação, ou o intervalo definido como meta a ser perseguida pelas autoridades monetárias, ela é algo sempre maior que zero, pois, seja qual for o país, o fenômeno da inflação é um processo determinado por fatores (já expostos aqui) que estão fora do controle dos bancos centrais. Tudo isso ocorre de tal modo que a lógica de funcionamento do sistema econômico capitalista já incorporou a inflação, em suas mais diversas formas, como a inflação de demanda e a inflação de custos, que são combatidas, equivocadamente, como se fossem as causas do problema.

#### 4. Considerações Finais

A partir das equações do valor observou-se que o dinheiro originou-se ao longo do processo de evolução da produção e da circulação das mercadorias. Com este processo se desenvolve também a contradição entre o valor e o valor de uso, presente nesta forma de riqueza que o produto do trabalho humano assumiu. Este processo contraditório de desenvolvimento tem levado, no capitalismo contemporâneo, a uma progressiva desmaterialização do dinheiro, em particular, e das formas de existência do valor, em geral, promovendo uma ampliação dos instrumentos monetários, produzidos, atualmente, sob os mais diversos formatos.

O fundamento lógico-dialético para a explicação desse processo de desmaterialização se encontra na relação de atração e repulsão estabelecida entre os elementos que conformam toda e qualquer mercadoria, pois, apesar do valor de uso constituir o suporte material do valor, a lógica de funcionamento do sistema econômico capitalista desenvolve uma tendência crescente de separação entre eles, contida apenas pela necessidade que o valor possui de, em última instância, se vincular a uma forma concreta de expressão. No atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, contudo, este vínculo foi, aparentemente, cortado, devido ao elevado grau de subordinação em que se encontra a produção de valores de uso, em relação à produção de valor, por parte do capital que, sob a forma autônoma de dinheiro, imprime uma velocidade crescente de circulação, exigindo desta forma funcional qualidades como leveza e mobilidade, fatores que impulsionam sua desmaterialização.

Deste modo, as formas de dinheiro que funcionam como meio circulante e meio de pagamento são cada vez mais imateriais, ao mesmo passo em que a produção de riqueza financeira cresce a um ritmo mais acelerado que a produção de riqueza real, não obstante, o papel moeda emitido pelas autoridades monetárias permanecer, indiretamente, lastreado pelo ouro, através das milhares de toneladas mantidas em reservas pelos bancos centrais, fato que mostra que o vínculo entre o valor e o valor de uso continua existindo, ainda que seja cada vez mais difícil enxergá-lo. Muito embora o real lastro das moedas contemporâneas seja estabelecido pelo conjunto da produção de riqueza material de um país e não estritamente pelo ouro, que não exerce mais, como ocorria originalmente, todas as funções desempenhadas pelo dinheiro, atualmente fragmentadas em diferentes instrumentos monetários.

O progresso tecnológico tem contribuído, significativamente, para o desenvolvimento desses novos instrumentos monetários, a exemplo dos meios eletrônicos de pagamento, fato que revela a elevada capacidade das economias de produzirem, endogenamente, formas de dinheiro que não dependem do aval de uma autoridade monetária. O dinheiro virtual, apesar de representar uma espécie de dinheiro ainda em fase embrionária, é capaz de alcançar uma velocidade de circulação que as demais formas jamais alcançariam, não possuindo fronteiras, além de constituir uma alternativa em relação às moedas convencionais, cujo poder de compra é permanentemente corroído pela inflação, fenômeno que se transformou em uma regularidade nas economias capitalistas.

Tomando como base a teoria Marxiana do valor-trabalho, buscou-se observar o desenvolvimento do conteúdo responsável pelo desencadeamento dos processos inflacionários e verificou-se que, enquanto representação nominal de uma dada magnitude de tempo de trabalho socialmente necessário, a forma preço apresenta divergências quantitativas, para mais ou para menos, em relação ao valor das mercadorias. Nas fases iniciais do capitalismo esses desvios, irregulares, se compensavam regularmente ao longo de determinado período de tempo, de modo a aproximar essas duas grandezas. No capitalismo contemporâneo, porém, a violação da lei do valor-trabalho tem levado a uma progressiva deformação nos preços, de tal

maneira que o mecanismo de compensação dos desvios já não é mais suficiente para garantir a devida proporção entre os valores e os preços.

A violação da lei do valor decorre, por um lado, da produção excessiva de símbolos de valor, que ocorre com o desenvolvimento das formas imateriais de dinheiro e, por outro lado, da contínua administração dos preços realizada pelos capitais monopolistas, cujo objetivo é garantir a lucratividade necessária para o processo de acumulação. Essa transgressão da lei do valor foi incorporada e inserida na lógica de funcionamento do capitalismo moderno, passando a ser continuamente reproduzida. Este é o conteúdo econômico da inflação, que continua a se desenvolver, assumindo variadas formas de expressão, mesmo com todos os esforços já realizados pelos bancos centrais, uma vez que as diversas medidas de política monetária, quando bem sucedidas, conseguem apenas combater as consequências deste processo e não as causas, inerentes ao próprio sistema econômico.

O fato de não haver em nenhum país do mundo uma política econômica que se proponha a acabar com a inflação, mas apenas mantê-la sob controle, significa o reconhecimento de que não é possível extingui-la já que ela tornou-se uma lei do modo de produção capitalista na etapa do capitalismo monopolista tornando-se inerente a este sistema.

### **Referências Bibliográficas**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS EMPRESAS DE CARTÕES DE CRÉDITO E SERVIÇOS. **Indicadores de Mercado**. Disponível em: <<http://www.abecs.org.br>>. Acessado em: 15 jan. 2012, 12:21.

CARCANHOLO, R. A. Precisoões teóricas sobre o dinheiro e o capital especulativo parasitário. **Anais do IV Encontro Nacional de Economia Política-CD-Room**. Sociedade Brasileira de Economia Política, Porto Alegre, 1999.

CORAZZA, G. Marx e Keynes sobre dinheiro e economia monetária. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Rio de Janeiro: Sette Letras, v. 2, n. 3, p. 45-58, 1998.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL. **Finance&development**, v. 47, n.1, Março de 2010. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs>>. Acessado em: 20 jan. 2012, 11:42.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL. **International Financial Statistics**. Disponível em: <<http://elibrary-data.imf.org>>. Acessado em: 10 jan. 2012, 10:35.

FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL. **WorldEconomic Outlook Database**. Disponível em: <<http://www.imf.org>>. Acessado em: 10 jan. 2012, 15:48.

GARTNER. **Gartner Says Worldwide Mobile Payment Users to Reach 141 Million in 2011**, Stamford, 21 de Julho de 2011. Disponível em: <<http://www.gartner.com/technology/home.jsp>>. Acessado em: 11 jan. 2012, 11:45.

GERMER, C. M. Componentes estruturais da teoria do dinheiro no capitalismo. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, Rio de Janeiro: Sette Letras, nº 1, 1997, p. 106-133.

GERMER, C. M. Dinheiro e dinheiro de crédito no capitalismo avançado. **Revistas Eletrônicas FEE**, v. 22, n.1, 2001, p. 205-228. Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br>>. Acessado em: 20 jan. 2012, 10:59.

KLAGSBRUNN, V. H. Considerações sobre a categoria dinheiro de crédito. **Revistas Eletrônicas FEE**, v.2 , n.13, 1992,p.592-615.Disponível em: <<http://revistas.fee.tche.br>>. Acessado em: 20 jan. 2012, 10:29.

MARX, K. **O Capital** – Crítica da Economia Política, Livro I – O Processo de Produção do Capital. Tradução Reginaldo Sant’Anna. V. 1, 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A. 1989, p. 78, 79, 105, 107, 138, 111, 115, 142, 144, 154.

MCKINSEY GLOBAL INSTITUTE. **Mapping global capital markets 2011**, Agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.mckinsey.com>>. Acessado em: 08 jan. 2012, 10:48.

RIBEIRO, N. R. **A crise econômica: uma visão marxista**, Editora Universitária, João Pessoa, 2008.

SAMUELSON, P. A; NORDHAUS, W. D. **Economia**, 14ª Edição, McGraw-Hill: Lisboa, 1994, p.35.

UNITED NATIONS. **World Population Prospects, the 2010 Revision**, On-line Database. Disponível em: <<http://esa.un.org/unpd/wpp/index.htm>>. Acessado em: 11 jan. 2012, 11:45.